

# O PONTO



Nº9 - Setembro, 2021

Um projeto de extensão organizado por estudantes e professores do Curso de Letras UNILAB/BA

## Educação para todes!

Sabrina Balsalobre



Em 10 de agosto de 2021, o ministro da Educação (sic) Milton Ribeiro afirmou à TV Brasil que a "universidade deveria, na verdade, ser para poucos, nesse sentido de ser útil à sociedade". Quem são os "poucos" a quem a universidade se destina? E em que sentido uma universidade deve ser útil a sociedade? A qual sociedade? O Jornal O Ponto, na edição do mês de setembro de 2021, dedica-se, entre outras pautas, a refletir sobre a situação contemporânea da educação brasileira.

Antes de mais nada, entoemos o lema de nosso campus: "Malês, resiste!"

Posto isso, relembremos que a universidade pública, gratuita, laica e de qualidade, como é a UNILAB, representa uma conquista histórica advinda da luta de movimentos sociais e democráticos. Desse modo, não podemos perder de vista que os direitos sociais são conquistas e que, por isso, precisam estar sob constante vigilância do povo, já que direitos conquistados diretamente confrontam com os interesses daquela elite que pretende permanecer ad infinitum na hegemonia, explorando, subjugando, alienando...

Particularmente, o direito à educação (sempre é bom lembrar: pública, gratuita, laica e de qualidade) é uma das maiores representações de ameaça aos grupos que historicamente mantêm o poder em suas mãos. Assim, na medida em que as populações alijadas do poder econômico e simbólico têm contato com processos educativos emancipadores, engajados, críticos, políticos, elas passam a ocupar todas as posições sociais: disputam vagas em universidades e em concursos públicos, desfrutam do direito de manifestar-se, participam de movimentos sociais, unem-se, questionam, reivindicam...

Ao tratarmos da educação que emancipa, fazemos novamente uma pausa! Dessa vez, para que possamos render uma justa homenagem ao centenário de nosso grande mestre, celebrado agora recentemente em setembro de 2021: Eterno Paulo Freire! Que seu grito siga ecoando por meio das vozes dos/as educadores/as populares! Enquanto houver pessoas dispostas a ensinar e a aprender, com amor e com política, seu legado se mantém vivo!

Nesse contexto de grito pela liberdade do povo, nossa atenção deve estar voltada à educação como um processo amplo. Atentemo-nos para a educação pública, gratuita, laica e de qualidade desde o ensino infantil, fundamental e médio, passando pelas diferentes modalidades (educação de jovens e adultos, educação escolar indígena, quilombola, do campo, educação para pessoas com deficiência, para pessoas privadas de liberdade, educação técnica profissionalizante etc.), também pelos processos educacionais em espaços não formais, até a educação superior e a pós-graduação.

Infelizmente, estamos assistindo ao agravamento de uma profunda crise da educação pública brasileira, a qual diretamente colide com os ideais neoliberais. Desse modo, não foi a pandemia de covid-19 a responsável direta pelas dificuldades enfrentadas por profissionais da educação e por estudantes. Essa crise na educação pública configura-se como um projeto político, que (re)estabelece um desenho de sociedade: direitos para poucos (lê-se “poucos” mesmo! Ou seja, aquelas poucas pessoas que historicamente gozam das benesses da exploração da classe trabalhadora e para quem o ministro (sic) entende que a universidade deve ser destinada) e democracia também para poucos (particularmente, para homens, brancos, cis, heteros, supostamente cristãos). Essa é a sociedade almejada! Sonha-se com um futuro que regresse àquele passado escravocrata! Poder para poucos! Exploração para muitos!

Por tudo isso: resistamos em nossas práticas educativas cotidianas! Ensinar com amor e com política é resistir! Dedicar-se aos estudos (sobretudo sendo negros/as e pobres) é resistir. Nossa UNILAB é tudo isso: espaço de troca e de partilha... local em que saberes, seres e poderes são questionados e ressignificados! Ela é justamente uma universidade (no sentido de conhecimentos universais) pública e, portanto, uma ameaça. Se desejamos que ela continue sendo para todos, para todas e para todes, e não “para poucos”, a fim de que a sociedade possa ser plural e mais ética, mantenhamo-nos muito atentos! Direitos são conquistas históricas, lembremo-nos sempre!



## TRIBUTAÇÃO DOS LIVROS: O PROJETO DE TORNAR O CONHECIMENTO UM ARTIGO DE LUXO

Ricardo Liberal  
Acadêmico de Letras da UEFS

Em A ordem do discurso, o filósofo francês Michel Foucault apresenta três procedimentos de controle, os quais resultam na exclusão e segregação de determinadas parcelas de sujeitos: a interdição da palavra, a segregação da loucura e a vontade de verdade. Destaco entre essas, a segregação da palavra. O autor esclarece essa prática a partir da segregação do discurso do louco, o qual, em dado momento, foi desconsiderado por fugir dos conceitos de razão instituídos por um sistema histórico que prevê o exercício do discurso para “quem de direito”. Podemos pensar a segregação do discurso dos sujeitos tratados como “loucos”, não sob o viés patológico, dos processos doentios do funcionamento mental, mas sim dos sujeitos e das leituras invisíveis, aqueles que ficam à margem da sociedade, pois seus dizeres nesse sistema, não tem o peso, nem a importância de outros dizeres.



*Os sujeitos que têm a possibilidade de desfrutar da prática de leitura, possuem em seu horizonte, grandes oportunidades de adquirir um imenso leque de saberes e informações*

Relatos como esses, explicitam as privações e desafios que pessoas analfabetas, ou seja, sujeitos que não gozam da leitura e, conseqüentemente, não granjeiam os saberes e respostas concebidas a partir da literatura, são forçados a vivenciar em seu dia a dia. São pessoas que carregam consigo uma grande dificuldade de comunicação pela limitação da escrita e da leitura, fatores esses essenciais para o pleno exercício da cidadania.

A leitura, com enfoque na realidade brasileira, é ainda considerada uma prática luxuosa. A partir desse pressuposto, pode ser leitor aquele que dispõe de uma série de condições materiais e socioeconômicas que permitem exercer essa prática: a necessidade de tempo, de “barriga cheia” e da aquisição do material a ser lido. Todos esses fatores de desigualdade são sérios contribuintes para o baixo índice de leitura no Brasil. Foucault afirma que esse procedimento de segregação designa as formas de seleção de discursos, isto é, a possibilidade de acesso às leituras e o conhecimento na mão de poucos, exclui e legitima a soberania da desigualdade. Existe, na sociedade, de um lado aqueles que controlam, e carregam em seus discursos um maior poder de circulação, e do outro, aqueles em que os discursos são silenciados e postos à margem.

Os sujeitos que têm a possibilidade de desfrutar da prática de leitura, possuem em seu horizonte, grandes oportunidades de adquirir um imenso leque de saberes e informações, cito como exemplo, o conhecimento de suas leis de direito como humano e sujeito social. Enquanto pessoas desconsideradas, a exemplo dos analfabetos, têm seus discursos invalidados, tendo, em determinadas ocasiões, até alguns direitos questionados, como por exemplo, testemunhos à justiça, a autenticação de atos e de contratos.

Em abril de 2021, tomaram as manchetes e editoriais dos principais jornais informativos do Brasil, um documento acerca da reforma tributária, lançado pela Receita Federal, que defende o fim da isenção de impostos para livros. Segundo o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (Snel), isso poderia aumentar em até 20% o preço final para o consumidor, o que seria, subseqüentemente, um gritante incentivo para o brasileiro ler ainda menos. Como mostra o editorial “Pobre não lê” do Diário da Região, a argumentação que se destaca no documento, como já intitula o editorial, é a afirmação que a Receita Federal faz ao defender que os livros sejam tributados como forma de focalizar políticas públicas, justificando que pessoas mais pobres não consomem livros não-didáticos, subentendendo assim que os livros, em sua maioria, deverão ser consumidos apenas pelos ricos.

De acordo com dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares de 2019 (POF), famílias com renda de até 2 salários mínimos não consomem livros não-didáticos e a maior parte desses livros é consumido pelas famílias com renda superior a 10 salários mínimos. (BRASIL, 2021)

É evidente que as famílias mais vulneráveis têm mais dificuldade em ter acesso a livros didáticos porque, naturalmente, possuem outras prioridades que garantam minimamente a sua sobrevivência biológica. Diante dessa realidade, o governo deveria oferecer condições, facilidades e incentivos para que os pobres tenham acesso à leitura. O que a Receita Federal propõe nesse documento, retirar a isenção e aniquilar a possibilidade das pessoas mais frágeis socioeconomicamente de adquirir e expandir o conhecimento, é totalmente o inverso.

Essa é mais uma forma que o governo dispõe para controlar e organizar os sujeitos em normas institucionalizadas, excluindo e mantendo esses indivíduos à margem, impedindo que os mesmos desfrutem de poderes adquiridos a partir da leitura, elitizando ainda mais o acesso ao conhecimento e institucionalizando a desigualdade contra a qual se deveria lutar. Quanto maior a desconhecimento, quanto menor o acesso à educação e à literatura, torna-se mais fácil de dominar um povo e mantê-lo submisso as suas normatizações.



A leitura surge, então, a partir dessas tentativas de controlar os sujeitos, de unificar uma nação em um certo padrão de pensamento e modo de ação, como uma prática de resistência. A leitura é um meio potente de formação de conhecimento, os livros são uma fonte inesgotável de saber, de desenvolver nosso senso crítico, de construção identitária do indivíduo, de aprender a bater de frente com as tentativas governamentais de limitar o alcance do nossos entendimentos e nos transformar em máquinas não pensantes, para que eles não sejam questionados quantos às ações políticas que beneficiam somente os sujeitos privilegiados.

A partir disso, a leitura é compreendida como uma manifestação reivindicatória dos espaços e discursos, cuja crítica está voltada para a luta contra os regimes históricos que acumulam poderes, isto é, um verdadeiro exemplo de resistência a um sistema social de poder estruturado que favorece majoritariamente as classes e sujeitos que dispõe de riquezas e prestígios. A leitura pode ser uma máquina de controle como também um ato de resistência a tais práticas de controle. Conquistados pela leitura, abrimos a mente e o caminho para pensar. Ler é, acima de tudo, um ato de (des)construção.

#### REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Economia. Perguntas e Respostas da CBS: contribuição sobre Bens e Serviços. Brasília, 2021. Disponível em: [www.gov.br/economia/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/reforma-tributaria/perguntas-e-respostas.pdf](http://www.gov.br/economia/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/reforma-tributaria/perguntas-e-respostas.pdf).

Acesso em: 14 de abril de 2021.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

ISHIKAWA, Júlia Tami, A Vida que a Gente Só Ouve Falar. Youtube. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Sx6XWPEc\\_O0](https://www.youtube.com/watch?v=Sx6XWPEc_O0)

Acesso em: 16 de abr. 2021.

diga não  
à tributação  
de livros



**Sem ponto**  
O PODCAST DO  
JORNAL O PONTO!

**REDE EMANCIPA MALÊS:**

**POR UM PROJETO DE EDUCAÇÃO POPULAR**

Ei, você já conhece o projeto Emancipa Malês? Sabia que está sendo criado um cursinho popular de acesso à universidade, particularmente à UNILAB/ Campus dos Malês? Pois é.... é uma parceria com a Rede Emancipa do Brasil, de Cabo Verde e de Angola. Ouça nosso Episódio do Sem Ponto e saiba mais sobre esse projeto massa! Bó?!

**CONTINUE ESSE PAPO EM NOSSAS REDES SOCIAIS: @JORNALOPONTO**

#### Rede Emancipa Malês: por um projeto de educação popular

Ei, você já conhece o projeto Emancipa Malês? Sabia que está sendo criado um cursinho popular de acesso à universidade, particularmente à UNILAB/ Campus dos Malês? Pois é.... esse cursinho faz parte de um grande projeto de educação popular brasileiro: a Rede Emancipa! Recentemente, foi também fundada a Rede Emancipa Cabo Verde e a Rede Emancipa Angola! Juntando todas essas iniciativas, a rede Emancipa Malês pretende ser um cursinho popular para acesso à universidade a todos que se interessarem, sejam das imediações do Campus Malês (São Francisco do Conde, Candeias, Madre de Deus, Santo Amaro...), sejam angolanos(as), sejam caboverdianos(as)... E aí, se interessou em fazer parte desse projeto? Quer ser um educador(a) voluntário(a)? Quer contribuir de alguma forma? Quer ser um estudante de cursinho popular da Rede Emancipa? Ouça nosso Episódio do Sem Ponto e saiba mais sobre esse projeto massa! Bó?!

# ENEM E PANDEMIA



## Entrevista

por Natali Chaves Mota

### ***Professor Hamilton Assis fala do ENEM em tempos de pandemia e critica o desamparo governamental que as escolas públicas baianas estão vivenciando atualmente***

Esse mês, O Jornal "O Ponto" recebe um convidado muito importante no cenário educacional de Candeias, Bahia: o Professor Hamilton Assis. Um professor de filosofia popularmente conhecido devido ao seu trabalho de formar pessoas dentro e fora das redes sociais. Ele desenvolve iniciativas que contribuem para que estudantes, sobretudo de escolas públicas, melhorem o seu desempenho na prova do Enem.

Sabemos bem que a pandemia e as novas declarações do Ministro da Educação Milton Ribeiro, nesse atual contexto de extrema fragilidade, têm acentuado problemáticas já existentes no sistema educacional brasileiro ou engendrado outras problemáticas, de modo a prejudicar o desempenho dos estudantes na prova do Enem. Muito preocupado com essa questão, o jornal de Letras dos Malês decidiu dialogar um pouco com o Professor Hamilton Assis para entender quais os desafios que os alunos que irão prestar o Enem e os vestibulares atravessam nesse período pandêmico. O jornal produziu algumas perguntas que foram lindissimamente respondidas pelo nosso convidado.

#### **Jornal O Ponto - Como suas iniciativas ajudam estudantes de escola pública? Quais as dificuldades comumente encontradas nos estudantes que suas iniciativas ajudam?**

**Prof. Hamilton** - Eu sempre tive a preocupação de tentar dotar meus alunos e ex-alunos, ou quem quisesse e tivesse a fim de aproveitar a oportunidade dos conhecimentos e habilidades necessárias para potencializar o desempenho no Enem e nos vestibulares. A gente bem sabe que alunos de escola pública e de escolas particulares chegam pra encarar esses processos de seleção normalmente em estágios diferentes, têm uma história de vida diferente... No caso dos alunos de escolas públicas, eles apresentam muito mais dificuldades e possuem mais obstáculos para poder chegar no dia da prova tendo tido acesso às aulas de qualidade e a todos os conteúdos... tendo tido a tranquilidade, o tempo necessário e suficiente para se preparar. Então, entre as iniciativas, antes da pandemia, eu realizava muitos aulões, convidando profissionais de outras áreas, além de eu mesmo ministrar aulas; mostrando para os alunos os conteúdos que eles precisariam aprender e como aprender esses conteúdos.

#### **Jornal O Ponto - De que forma a pandemia influencia no desempenho dos estudantes que irão fazer o Enem esse ano?**

**Prof. Hamilton** - Com a pandemia, o quadro que já era de uma desigualdade gigantesca, ficou abissal. Porque os alunos da rede pública daqui da Bahia ficaram literalmente "a ver navios". O Governo do Estado não disponibilizou qualquer tipo de suporte, pelo menos não o suporte acessível a todos os alunos. Eles ficaram praticamente um ano sem qualquer assistência. Por conta disso, eu resolvi atender uma demanda que muitos alunos me pediam já há algum tempo, mas que eu morria de receio de fazer, que era me jogar nas redes sociais. Então, peguei um perfil que eu tinha de muitos anos, mas que não usava mais - no Instagram - e resolvi dar uma cara pra esse perfil, fornecendo subsídios materiais, conteúdos completamente gratuitos, pra quem tivesse interesse em estudar e se preparar para o Enem, para concursos e para vestibulares. E, para meu espanto, tudo isso acabou se tornando um sucesso. Rapidamente, foi crescendo o número de seguidores... deu uma repercussão bem bacana! A partir daí foram surgindo outras demandas e eu comecei a realizar também "lives" focadas em algumas habilidades, comportamentos, mentalidades que são necessárias para o desenvolvimento pessoal, para o desenvolvimento dos estudantes. E com isso, graças a Deus, a gente tem conseguido grandes resultados. Passando essa pandemia, esses alunos pobres vindos de escolas públicas acabam ficando com um descompasso gigantesco. Porque não têm aula, estão isolados do ambiente escolar, acabam não tendo suporte adequado - a escola pública já não dava esse suporte adequado, sem a escola pública ainda pior - enfurnados em suas casas com muita ansiedade, com muito receio e com muito medo.

Então, assim, essas questões influenciam de forma drástica a participação e o desempenho desses alunos. Basta ver a quantidade de pessoa que se inscreveram no Enem 2020 e a quantidade de pessoas que se inscreveram nesse Enem de 2021, os dados baixando de forma intensa. A menor quantidade de inscritos dos últimos tempos e, provavelmente, a quantidade de alunos que comparecerão ao exame será ainda menor. Isso nos dá uma dimensão do tamanho do estrago que a pandemia e a inépcia dos nossos gestores públicos têm provocado nessa juventude.

### **Jornal O Ponto - O senhor acha que o Enem Digital favorece determinados grupos de pessoas?**

**Prof. Hamilton** - Com relação ao Enem digital, eu tenho uma visão, um entendimento, muito peculiar. Para mim, ele não favorece ninguém, a não ser o próprio MEC. Não traz benefícios nem pra alunos de escolas públicas, nem para alunos de escolas privadas. Na medida em que eles vão realizar uma prova assim como outra, só que na frente de uma tela de um computador - o que a neurociência já comprova que gera mais desgastes - em um ambiente que não é um ambiente adequado, não é um ambiente ideal. A experiência do ano passado foi deplorável com relação a esse Enem digital. Muito atraso, muita inconsistência, muito despreparo de boa parte dos aplicadores e do próprio INEP para fazê-lo. De modo que só quem ganha com esse Enem Digital, só quem se favorece de alguma forma, é o próprio MEC, na medida em que consegue reduzir seus custos, pelo menos aparentemente. Ao menos é isto que o INEP declara e, por isso, essa sangria desatada para fazer que o Enem seja aplicado lá pra frente apenas na versão digital.

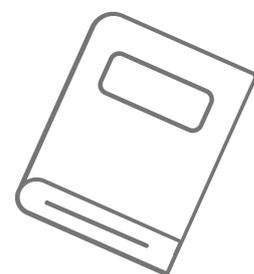
### **Jornal O Ponto - No Enem 2020, seus alunos tiraram notas satisfatórias em Linguagens, Códigos e suas Tecnologias?**

**Prof. Hamilton** - Olha, é complicado pra mim dizer se o desempenho foi satisfatório ou não, porque eu não consegui manter contato com todos os alunos. E com a boa parte que eu mantive contato, eu não tenho parâmetro anterior para poder estabelecer comparativo. Como eu também não sou professor da área de linguagens, eu não sei exatamente em que estágio de desenvolvimento esses alunos estavam e como é que eles ficaram na hora do Enem.

O que eu posso te dizer é que muitos dos estudantes com os quais eu dialoguei, no antes e no pós prova do Enem 2020, demonstraram um sentimento que eles tinham de dever cumprido, sabe? Aquela coisa do "poxa, não foram as melhores condições, mas eu consegui, eu fui até o final, eu cheguei lá, essa nota aqui é fruto de muita luta, de muito esforço e de muita superação". Então, a princípio, eu te diria que as notas foram sim satisfatórias. É obvio que no contexto distinto, no contexto digamos assim mais próximo da normalidade, era bem provável que eles tivessem desempenhos melhores. Mas diante de tudo que aconteceu com o Enem do ano passado, a gente fica em uma posição muito complicada para avaliar se o desempenho foi bom ou se foi ruim.

### **Jornal O Ponto - O que nós, professoras/es de linguagem, podemos fazer para melhorar o desempenho dos estudantes de escolas públicas que prestarão Enem esse ano?**

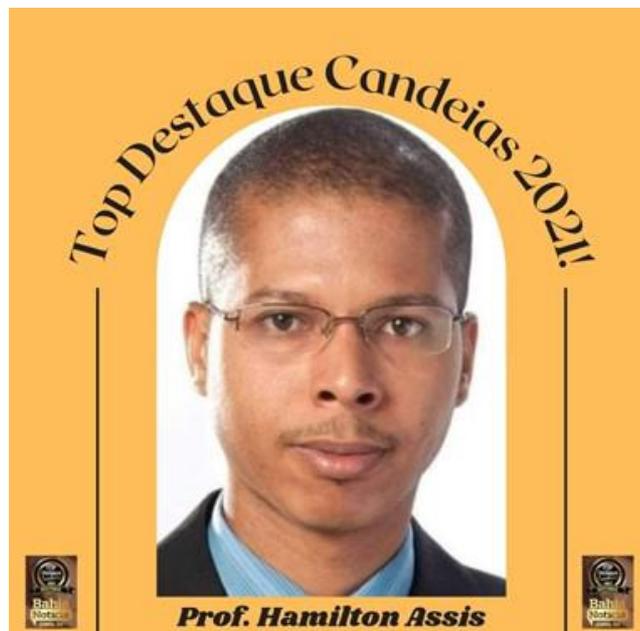
**Prof. Hamilton** - Eu costumo dizer que o desempenho dos estudantes no Enem está mais condicionado pelo despreparo, pelo desconhecimento, do que é prova do Enem, do que propriamente pelo conteúdo. Eu costumo explicar para quem me acompanha que é possível ter uma boa nota do Enem de repente sem saber quase nada de conteúdo, apenas sabendo como é que a prova funciona, quais são as estratégias, quais são as pegadinhas, como é que ela está estruturada. Apenas passando um pente fino no histórico da prova, você consegue se dar bem, sobretudo se você souber interpretar bem as coisas. E aí, talvez, o pessoal de linguagem possa dar uma contribuição, sem sombra de dúvida, fundamental: no que diz respeito à interpretação. A prova do Enem é uma prova extremamente interpretativa. Mas é necessário que a gente comece a avaliar, analisar e a tratar sobretudo os alunos como mais que números, mais do que dados. São pessoas, são seres humanos, frutos de uma série de causas, de uma série de contextos, de uma série de fatores e elementos, que, dentro do ambiente escolar, normalmente, são completamente ignorados. Isso vai gerando um acúmulo de prejuízos, um acúmulo de perdas, um acúmulo de distorções.



Eu costumo dizer que a escola, a educação aqui no Brasil, ela precisa ser completa e totalmente repensada. A maneira como nós agrupamos, classificamos e lidamos com os alunos cotidianamente é deplorável. E isso precisa ser visto com muita urgência. Quando a gente dissocia o ser humano do aluno, normalmente os prejuízos são, muitas vezes, irreparáveis. É preciso reconciliar essa coisa. A partir daí sim, a gente pode pensar em um mundo de possibilidades!

**Jornal O Ponto – Agradecemos pela gentileza de responder todos os nossos questionamentos. Certamente, aprendemos muito com o senhor.**

**Prof. Hamilton** – Bom, enfim, é isso! Eu espero que os depoimentos e as respostas estejam a contento.



@prof.hamiltonassis



**Palavras da  
Coordenação**

Queridxs estudantes,

Vamos iniciar mais um semestre letivo, ainda no modo remoto, e a Coordenação do Curso de Letras gostaria de desejar a todos um excelente início de semestre!

Pedimos para que fiquem atentos, atentas e atentes para os comunicados e datas importantes no decorrer do semestre de 2021.1. Como nos últimos semestres, faremos encontros online para batermos um papo e ouvirmos e incentivamos a participação de vocês. Neste período, esses encontros são uma forma de ficarmos mais próximos.

Fiquemos firmes e nos cuidemos, com o avanço da vacinação, a esperança de nos encontrarmos pessoalmente se faz ainda mais presente.

Cuidem-se e estejam bem!

Abraços!

Wânia e Lavínia



# AUTOR NA ESCOLA

***O PIBID/Letras-BA e o CEAJAT realizaram um batepapo incrível com o autor de "Torto Arado", Itamar Vieira Jr.***

por Priscila Matos

Era um dia como outro qualquer, se não fosse o fato de ter um encontro com ele. Estava marcado para as 16:30, às 16:15 Itamar chegou!!

Cumprimentou a todos com educação e se impressionou com a performance que os estudantes prepararam para homenageá-lo.

Logo depois entramos ao vivo no canal do You Tube do Colégio Estadual Anna Junqueira Ayres Tourinho - CEAJAT. (Veja lá!)

Antes da transmissão iniciar, eu imaginava a importância daquele momento para os envolvidos, principalmente para nós, estudantes da UNILAB e do CEAJAT, que teríamos ali, por meio virtual, o primeiro contato com um escritor consagrado por sua obra.

O Projeto Autor na Escola, em que o CEAJAT e o PIBID – Letras (Programa Institucional de Bolsas para Iniciação à Docência) atuaram em parceria, foi uma iniciativa pedagógica que finalizou todo um trabalho de leitura, compreensão e interpretação textuais e estudos literários feitos ao longo de dois meses, envolvendo os integrantes do PIBID e os estudantes do CEAJAT. Com certeza foi um momento mágico para nós, estudantes.

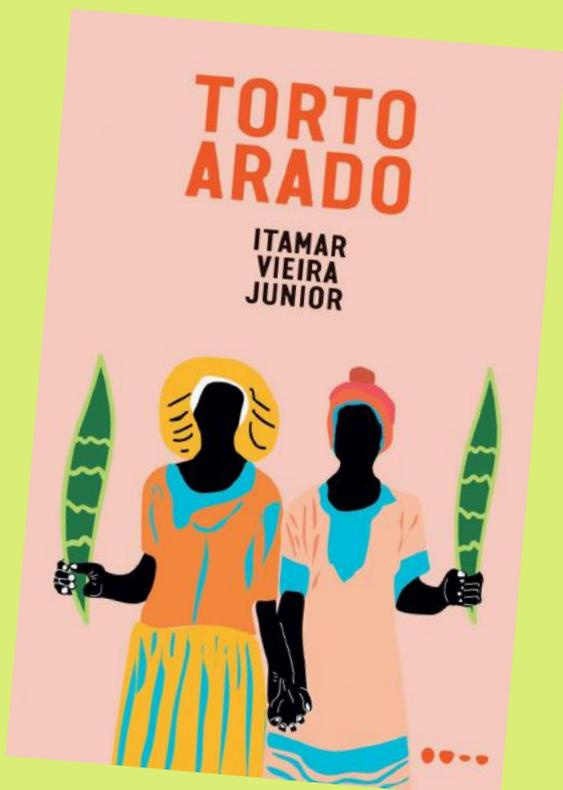
Durante a Live choveram perguntas, cada uma mais interessante que a outra! Itamar, com toda sua simplicidade, respondia a tudo, saciando nossa sede de aprender mais, de conhecer a história por trás das personagens maravilhosas do seu livro "Torto Arado".

A Live durou aproximadamente 1h25 min, mas poderia ter durado 5h e tenho certeza que não teríamos esgotado as questões abordadas sobre o livro. Torto Arado é um livro arrebatador, sua linguagem, personagens e suspense ao redor do fato ocorrido entre as irmãs Bibiana e Belonísia transportam o leitor para dentro da trama. Além disso, as questões sociais trazidas ao longo da narrativa nos fazem conhecer o "Brasil profundo" que Itamar defende.

Agradecemos ao autor por esse momento enriquecedor, sua disponibilidade em responder nossas perguntas, além do seu jeito agradável de se portar, fundamental para a fluidez desse momento.

Ah... O autor nos contou sobre seu novo trabalho, esperamos ansiosamente por isso. Se quiser conhecer mais, é só acessar o canal do YouTube do CEAJAT.

E para quem ainda não leu "Torto Arado", não perca essa oportunidade!





## POLITICAMENTE *letrando*

### **Vamos falar sobre assédio?**

Ser professora universitária sempre foi um sonho que se concretizou através da minha aprovação na seleção de professor efetivo na UNILAB em 2016. Em meio ao encantamento da conquista, na UNILAB, esperei encontrar um ambiente de trabalho seguro e livre de práticas discriminatórias, por se tratar de uma universidade com um projeto político-pedagógico decolonial. Contudo, esqueci, por um momento, que ser mulher significa ser lembrada da nossa “condição” por onde andamos. E tal lembrança, embora assídua, não se torna menos dolorosa em sua repetição especialmente se quem nos recorda da nossa condição perene sabe, ao menos teoricamente, levantar bandeiras igualitárias...

Na primeira semana de aula, ouvi de um colega, sem qualquer contexto prévio de flerte, a seguinte frase: “Você é tão bonita que se não fosse casado, me casaria com você.” Ao ouvir esse comentário dito sem nenhum pudor, emudeci e não consegui balbuciar uma só palavra, mas internamente tentei investigar a motivação desse comentário: “será que alguma brincadeira minha ou meu jeito mais afetuoso abriu uma brecha?” Sem respostas precisas, decidi, desse dia em diante, ser mais cuidadosa nas interações.

Entretanto, por mais que eu tente sempre ser discreta, ao que parece o meu corpo tem sido entendido por colegas como um convite a opiniões e avaliações não solicitadas. Certa vez, em um debate sobre cor da pele (do qual eu não estava participando), um colega dirigiu seu olhar para o meu corpo e sentenciou: “seu quadril certamente é de ascendência africana”. Atônita, olhei sem entender a razão desse parecer. O colega então continuou: “porque você tem cadeiras largas, mas seu nariz tem um traço mais ‘de branco’”. Não consigo descrever em palavras o que senti ao ver o meu corpo sendo analisado com tamanha tranquilidade como se o que ele acabava de fazer fosse a coisa mais natural do mundo. Jamais me vi ou considereei como uma mulher negra, porque sei que não é o lugar que me cabe, mas não acho que alguém, quem quer que seja, tenha o direito de me categorizar ou avaliar aspectos do meu corpo à minha revelia.

Ainda sobre juízos estéticos, em uma dada ocasião, um colega unilabiano me informou que eu tinha perdido meu posto de professora mais bonita, visto que outra docente (de acordo com seus padrões, mais bonita) tinha chegado à universidade. Mais uma vez, vi meu corpo sendo submetido a um escrutínio, tal qual um concurso de miss universo com um pequeno detalhe: eu estava participando sem nem saber ou querer. Me questionei se o concurso público trazia mais um critério oculto: a beleza. Até o momento, não encontrei em edital algum esse aspecto. Ao demonstrar meu incômodo diante daquela situação, ouvi do meu colega-júri: “Desculpa se você entendeu errado, era só uma brincadeira!”. Sim, claro, eu entendi errado... aparentemente preciso dizer o óbvio: sou professora, não modelo ou manequim. O curioso é que jamais vi homens recebendo esse mesmo tratamento, com tanta ênfase nos atributos físicos.

Além de comentários estéticos, tenho também a minha qualidade de especialista colocada em dúvida por colegas, não por coincidência, homens. Em uma dessas frequentes situações, um colega questionou como eu poderia estudar línguas africanas uma vez que, segundo alertou, eu não era nem africana nem negra. Alegações como essa e julgamentos dessa natureza se fazem presentes em minha vida na UNILAB. Cada vez que começo a discutir aspectos LINGÜÍSTICOS de línguas crioulas, por exemplo, preciso primeiro provar que sou digna de ser ouvida e de que tenho capacidade para discutir determinado tema mesmo que eu venha estudado por mais de 10 anos línguas de contato. Além disso, conheço tantas descrições (e excelentes, diga-se de passagem) de autores que não são falantes das línguas que estudam e me pergunto se esses autores, em geral homens, ouvem perguntas (ou mesmo insinuações) desse tipo. Acredito que não. porquê de esse ser um aspecto frequentemente mencionado.

Somam-se aos comentários relativos à minha capacidade intelectual, questionamentos sobre minha pouca idade - como se o fato de eu ser relativamente jovem fosse um demérito -, com diretos a vocativos diferenciados como “menina” no lugar do meu nome. Não vejo ninguém se referindo a outros colegas com um “olá, velhinho/a” como diria Pernalonga. Quando fiz concurso para ingressar na UNILAB, o critério etário não constava no edital (uma idade mínima, por exemplo) e fico me perguntando o porquê de esse ser um aspecto frequentemente mencionado.

Enfim, esses são somente alguns episódios desagradáveis (sem falar de vozes levantadas para mim e, em contrapartida, de minha voz silenciada), que me fizeram mudar um pouco a forma como interajo com as pessoas, ficando até mais séria (já ouvi isso inclusive de alguns alunos). Trago esses relatos – com um pouco de dor, é verdade, e mesmo questionando uma suposta parcela de culpa, não posso evitar – para que possamos refletir sobre nossas práticas e entender que tais constrangimentos deixam marcas muito mais fortes do que podemos imaginar. Espero que um dia do futuro, ao reler esse texto, essa realidade possa ter sido um pouco modificada.

Shirley Freitas



Assédio moral	Assédio sexual
Atribuir tarefas distintas das suas	Contar piadas com caráter obsceno
Controlar tempo de utilização de banheiros	Partilhar imagens explicitamente sexuais
Criticar ou invadir a vida privada	Ameaçar para obter vantagem sexual
Isolar a pessoa assediada	Tocar, abraçar ou beijar sem permissão
Desconsiderar problemas de saúde	Olhar de forma lasciva
Agredir, alterar o tom de voz ou ameaçar	Insinuações sobre atributos físicos
Espalhar boatos	Assobios, sons ou gestos inapropriados

## Tipos de assédio



# AUTARQUIA COMO UMA POSSÍVEL SOLUÇÃO DE INSTABILIDADE POLITICA INSTITUCIONAL NA GUINE-BISSAU

*João, Nanfuna, graduando em curso de humanidade (segundo semestre)*

Este texto visa trazer reflexões sobre a necessidade de implementar as eleições autárquicas na Guiné-Bissau como forma de solucionar as constantes contendas políticas que vem pondo em causa a paz social no país, desde sua independência em 1973, até hoje. Este fato tem obstaculizado o desenvolvimento do país.

A Guiné-Bissau adotou o sistema político multipartidário em 1993, após dezenove anos de regime monopartidário (1973-1992), liderado pelo Partido Africano para Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC). Nessa transição do sistema político partidário e eleitoral, a Constituição da República, no seu artigo 105º nº1, previu a implementação das autarquias locais, como forma de descentralização do poder, permitindo aos governos locais terem a sua autonomia política e administrativa (CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU, 1993).

Segundo Bilhim (2004), a autarquia é um sistema liberal de administração que corresponde à atividade desenvolvida pelas autoridades com poderes e autonomia de governar as suas áreas de jurisdição, delimitadas por lei.

Ao longo de três décadas do regime democrático, nenhum governo conseguiu implementar a autarquia na Guiné-Bissau. Como consequência disso, o país enfrenta profundas degradações, com falta de infraestruturas e serviços básicos para a população, tais como: hospitais, escolas, água potável, saneamento básico, luz, estradas, segurança pública e alimentar etc. Sendo que os moradores de zonas rurais são os mais afetados, pois são abandonados à própria sorte. Contudo, temos como exemplo o país vizinho - Cabo Verde - que adotou a autarquia, o que possibilitou a descentralização do poder, permitindo às populações de aldeias distantes sentirem a presença do Estado nas suas comunidades.

Portanto, é necessário à implementação da autarquia na Guiné-Bissau, com vistas a permitir que o poder e a administração pública sejam descentralizados e alargados a todo território nacional, de modo que as populações de aldeias distantes sintam a presença do Estado e sejam atendidas pelo serviço público de qualidade. Do mesmo modo, isso permitiria às regiões terem autonomia de tomar determinadas decisões em prol do desenvolvimento e do bem-estar da sua população. Também, é uma oportunidade para dar legitimidade às populações locais de escolherem os seus representantes, além de combater a corrupção generalizada que tomou conta do país.

# GUINÉ-BISSAU: 48 ANOS COMO PAÍS INDEPENDENTE

*Ussumane Embalo (Osman)*

*Graduando em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (BIH) na UNILAB - Malês*

O Fórum dos Estudantes Guineenses da UNILAB, em São Francisco do Conde (FEGUI), realizou uma série de debates cujo lema foi "Setembro vitorioso: avanços, recuos e perspectivas", nos dias 22 e 23 de setembro, antecipando a comemoração dos 48 anos pós-independência da Guiné-Bissau. O pacote dos eventos foi coordenado por Amado Nduro Balde, estudante da Unilab. No entanto, os eventos começaram com uma mesa de abertura dirigida por Isaque Almeida Ié, que teve como convidados de honra Erica Paula Vasconcelos – brasileira, representante discente no colegiado do Curso de Relações Internacionais e representante do Diretório Central dos Estudantes do Campus dos Malês – Israel Mawete – angolano em representação da Associação dos Estudantes e Amigos de África (ASEA) – e, por fim, Seco Caramo Mané – presidente do FEGUI. Tobos são estudantes da UNILAB-Bahia. Por honra, são as falas desses três ilustres que deram por aberto a série das atividades que se segue: 1 "Democratização na Guiné-Bissau: políticas de gênero, nos períodos antes e pós independência. Que contribuições podemos esperar?"; 2 "Papel da juventude na construção de um Estado de direito democrático (Kumpu terra)"; 3 "A educação como força motriz na consolidação da democracia". Todas as etapas do evento ocorreram por meio da plataforma Googlemeet.

Erica, se sentiu horada por ser escolhida para falar num evento dos guineenses de grande importância. Entretanto, a mesma disse acreditar que quando o povo da Guiné gritou liberdade, ele já estava teoricamente livre porque nota-se que, desde os processos coloniais, os Guineenses como Amílcar Cabral, Titina Silla, Okinka Pampa entre outros já estavam com pensamentos de liberdade no seu dia-a-dia. Paula enfatizou a importância dos temas escolhidos para os debates na série de atividades e acredita sempre na capacidade de pensamento crítico e na racionalidade dos estudantes guineenses, experiência vivida fora e dentro da UNILAB com os colegas. Desse modo, ela confessa admirar a capacidade de resiliência dos africanos, em particular guineenses que estudam na UNILAB, tendo em conta as dificuldades financeiras, adaptação no espaço acadêmico, resistência ao choque das culturas, modelos de ensino diferente e o fato de viver longe de familiares. Mesmo assim, os resultados dos estrangeiros, em particular dos guineenses, foram sempre bons.

Portanto, os quadros de jovens guineenses também são símbolos da independência, com isso a África, e em particular a Guiné-Bissau, prospera epistemologicamente livre e autônoma por conta dos seus jovens. Erica terminou recordando Cabral, que disse: "Europa se considera como países do primeiro mundo, mas continua sendo parasita do continente Africano, que chama de terceiro mundo."

O acadêmico Israel afirmou ser desejável sempre ver uma linda e importante iniciativa dos estudantes da UNILAB, mais uma vez. No entanto, pediu permissão para declamar uma poesia de Agostinho Neto sobre a independência, cujo título é "Havemos de Voltar". Mawete trouxe este poema para refletir sobre novas formas de colonização, sendo que, desde a efetiva independência que ocorreu nos papéis em vários países africanos – inclusive na Guiné-Bissau – ainda se obedece a uma certa lógica de colonialismo, desde as suas leis, constituições, modos de pensar, educar, culturas, regras e normas sociais que continuam sendo a dos colonizadores. Isto nos convida a muitas e profundas reflexões sobre o que realmente mudou em termos políticos, econômicos, sociais e culturais nesses países. Esta é a lógica de poema.

Em seguida Israel recordou a obra de Kuameh N’Kruma sobre o socialismo para sustentar a ideia de como os países africanos se tornaram livres da opressão dos colonizadores e caíram num novo modelo de colonialismo e de opressão e exploração, desta vez de forma mais “civilizada e consensual”. Partindo deste pressuposto, Mawete recomendou mais projeções num sentido de descolonização desse novo modelo em todos os sectores, de arranque, não apenas para Guiné-Bissau, mas também para resto dos PALOPs. O conteúdo do poema "havemos de voltar" não significa voltar no tempo, ter a vida que havia há dois ou três séculos, mas sim, voltar a se valorizar e conservar os próprios valores culturais, políticos, econômicos, sociais entre outros. Adotar o que é melhor dos outros e sintonizar com o melhor da sua realidade.

Caramo, líder do FEGUI, no seu breve discurso, enfatizou a importância da data antecipadamente celebrada para todos os guineenses. Todavia não foi fácil conseguir a liberdade que o povo guineense celebre e se orgulhe. Essa liberdade foi conquistada com sangue, suor, fome, sacrifício, sol e chuva, mas infelizmente, depois de 11 anos de luta, o que o povo vive é uma nova sobrevivência durante 48 anos. Os sonhos dos libertadores ainda continuam uma utopia sem o mínimo respeito aos heróis e heroínas da Guiné livre. Homens e mulheres que lutaram com bravura, determinação, amor à pátria, objetividade com base na união focados para a mesma finalidade – liberdade – morrendo sem vida nem funeral dignos. Portanto, a responsabilidade de cada cidadão, em particular de classe acadêmica, deve ter como prioridade a prosperidade, a estabilidade e o desenvolvimento do país, e isso é possível apenas com união e entendimento entre os mesmos.

Em seguida, ocorreu o debate "Democratização na Guiné-Bissau: políticas de gênero, nos períodos antes e pós-independência. Que contribuições podemos esperar"? O debate contou com Paulo Vaz (Prof; da UNILAB- Malês) e Lizidoria Mendes, uma jovem ativista, com a mediação de Cornélia Mendes, estudante da Unillab. Entretanto, o debate mais quente na série foi aberto pelo professor Paulo Vaz que fez uma brilhante contextualização histórica sobre os principais acontecimentos que marcam a história do país, nomeadamente o "Massacre de Pinjiquiti", a "luta armada de 1963 a 1973", o "golpe de Estado 1980" e a "guerra civil de 1998", os quais são realmente eventos que causaram ruturas significativas na sociedade guineense. Neste último evento, que durou 11 meses, a Guiné-Bissau conheceu o seu maior fracasso em todos os seus domínios, tais como, na política, economia, estrutura social, quebra e banalidade do Estado, assassinatos, ódio, vingança, fuga dos cidadãos etc. Portanto, em qualquer reflexão de natureza histórica sobre Guiné, esses elementos que não devem ser excluídos.

O desejo de Cabral sobre a luta de classe de maneira racional e consciente, não foi cumprido. A falsa elite de hoje não foi capaz de proporcionar uma consciência coletiva e organização social sólida capaz de avançar com base numa disputa racional para o desenvolvimento. Razão pela qual, o que foi vivido foi um retrocesso original dos interesses individual e partidário.

Por outro lado, Vaz destacou a posição protagonista das mulheres como Titina Sila, Okinka Pampa entre outras, que deixaram legados importantes durante a luta pela liberdade. Vaz apontou que, de acordo com a história, a patrilinearidade foi sempre presente desde a libertação até na reconstrução do Estado do direito democrático, apesar de uns jogos masculinos que sempre tentaram – e conseguiram – eliminar a presença feminina na divisão social do trabalho e na tomada de decisões, uma construção social que coloca mulher como parte inferior em relação ao homem. Portanto, Vaz terminou convidando os académicos guineenses para aderirem a debates sobre relações de gênero, interseccionalidade, etnicidade e políticas públicas, ações afirmativas para que no mínimo possa haver igualdade social na Guiné-Bissau.

Por sua vez, a debatedora Lizidoria, negou a necessidade da lei de paridade para as mulheres guineenses. Todavia além da disfuncionalidade dessa lei, ela não era necessária, visto que a mulher não é nova integrante do direito a igualdade, ela é parte desse direito. Uma das falas duramente criticadas pelos ouvintes que acreditam que é normal discordar ou criticar partes da lei, mas é lógico que a sua necessidade é de fundamental importância, considerando a realidade da mulher guineense excluída, inferiorizada e usada em quase todas as esferas sociais. O país necessita das novas leis e de respeitar as já existentes a favor das mulheres, não de ignorar as conquistas femininas numa sociedade



Lizidoria, considera "insulto" dizer que a Guiné-Bissau já possui um número bastante significativo das mulheres escolarizadas com competência mínima para começar a lutar política e socialmente pela emancipação feminina. E para ela, as mulheres formadas fora do país com ideias feministas ocidentais não podem ser salvação das suas semelhantes, pelo fato de não viverem a verdadeira realidade que as mulheres das periferias do país vivem e, portanto, não serem capazes de entender a dor das residentes. Quer dizer, não é o lugar de fala delas. Portanto, somente quem possui lugar de fala pode realmente mudar a realidade. Partindo desse pressuposto, Mendes defende a educação oficial e estrutural feminina inclusiva e interna, ensinando igualdade desde a família até a sociedade, e que as leis não são perda de tempo. A lei de paridade é criada para ridicularizar as lutas das mulheres. É compreensível a indignação de Mendes no que diz respeito à educação feminina, mas ignorar a classe acadêmica diaspórica alegando lugar de fala é ignorar a sua doença dentro do seu corpo por não ter conhecimento médico. Neste caso, além de colocar lugar de fala num lugar errado, é verídico que a maioria dos estudantes guineenses na diáspora são oriundos das periferias e deixaram o país na fase adulta. Portanto, ninguém mais que eles conhecem as realidades vividas em cada subúrbio das suas comunidades.

O debate sobre "o papel da juventude na construção de um Estado de direito democrático (Kumpu terra)" foi dirigido por Iqui Dju, recém-graduado da UNILAB, teve como debatedores: Nicodemos da Silva e Danilson Veiga "De Tchuca". Nicodemos, que é ativista social e jurista, afirmou que, historicamente, quase todos os processos de formação de um Estado de direito foram marcados indelevelmente com a presença de classe juvenil. Silva trouxe como exemplo Amílcar Cabral, que iniciou a luta com 32 anos de idade, para afirmação do EDD para os povos da Guiné e de Cabo Verde. Também se referiu a Napoleão Bonaparte, que dirigiu a revolução francesa com 20 anos de idade, e a Otelo de Carvalho, que planejou e comandou a revolução de 25 de abril em Portugal contra o regime fascista. Portanto, jovens não são o futuro, eles são o presente e parte fundamental para consolidação e manutenção de um Estado de direito democrático.

No caso da Guiné-Bissau, a intervenção juvenil para consolidação do EDD tem sido presente na medida do possível, apesar de um sistema que veda a participação juvenil mais ativa e protagonista. Para Silva, a política é a parte que necessita dos jovens intelectuais para que realmente possam acontecer mudanças, mas o que tem sido visto na maioria das vezes é o contrário.

Os jovens intelectuais afastam-se das suas responsabilidades enquanto cidadãos, argumentando que a política é um espaço de destruição da pessoa qualificada e, conseqüentemente, o país continua a ser dirigido por pessoas de fraca ou de sem preparação acadêmica. Portanto, a responsabilidade é dos intelectuais que optaram por adiar as suas cidadanias, por se afastarem dos assuntos que constituem a vida do país (política).

Silva disse ainda que um Estado do direito democrático que os guineenses desejam, depende da classe acadêmica, em particular dos ativistas políticos e sociais. Entretanto, o que se tem visto é um aumento descontrolado e absurdo de número de "falsos ativistas", ativistas de rede social. Cada um se autoproclama de ativista social e ou político desinformando, instigando e criando problemas que nunca existiram. Um ativista político ou social em qualquer país que seja, precisa de uma preparação acadêmica para fazer análises das situações ou de um problema de maneira imparcial e responsável e, para fazer isso não necessariamente a pessoa tem de pertencer a um ou outro partido político.

Ora, o que tem acontecido é totalmente o contrário, por esta razão, Silva acredita que a Guiné-Bissau atualmente precisa de maior concentração de jovens na política, jovens capazes de imprimir uma nova dinâmica, promover um engajamento coletivo de todos para a promoção e fortalecimento da democracia e melhorar a imagem interna e externa do país. A Guiné-Bissau é um Estado democrático sim, mas uma democracia não consolidada. Portanto, a banalização do Estado continua porque os quatro órgãos do Estado (PR, ANP, ST e G) possuem poderes os quais, apesar de constitucionalmente distintos e independentes, não respeitam seus limites de atuação com base nas leis. Este é o motivo principal da banalização que o país vive, por conta da qual, conseqüentemente, não foi possível a consolidação da democracia.

Danilson Veiga, estudante da Unilab, acredita que os jovens, na construção de um EDD, com enfoque nos jovens guineenses e caboverdianos, têm responsabilidades e desafios enormes para a mudança dos regimes presentes. Essas responsabilidades passam pela ascensão das oportunidades e que não se deve esperar dos atuais líderes políticos dos dois países, e sim dos próprios jovens. Através de união e sintonia das ideologias e projetos necessários fortes, imediatos para provocar uma rutura capaz de originar uma transição dos regimes. Essa revolução vai garantir a reconstrução dos EDD nos países irmãos. Portanto, este resgate da democracia é um processo que deve partir dos parlamentos, onde as principais decisões são tomadas e, para chegar nesses órgãos, é obvio que os partidos políticos são os caminhos. Por isso, os jovens precisam aderir à política com projetos concretos e imediatos.

Para fechar a série de debates, um outro tema polêmico debatido foi "A educação como força motriz na consolidação da democracia", moderado por Nembali Mané, recém-graduado da UNILAB, que também teve como debatedores: Sulemane Bá, estudante da Unilab, e Indira Calina Pomacal, professora de larga experiência na Guiné-Bissau. As questões que nortearam os debates foram as seguintes: Qual o papel da educação na consolidação da democracia? Tendo em conta o estado atual do ensino guineense, cuja educação não democrática, movida por sucessivas paralizações e entre outros fatores, é possível nesse contexto afirmar que a educação pode contribuir para consolidação da democracia no país? Com base nessas questões, segundo Sulemane, de acordo com os seus estudos, não existe "democracia consolidada" no mundo, mas sim projetos em busca de consolidação, argumentando com a recente invasão ao Capitólio, nos Estados Unidos, país de referência mundial nos princípios democráticos. Uma afirmação desafiada por Fernando Colonia e Alassana Dem, ambos estudantes da UNILAB, Sulemane argumentou que no campo das ciências políticas existem vários estudos que confirmam a existência de "democracias consolidadas" em vários países do mundo, havendo pressupostos ou variáveis (participação política da sociedade, liberdade de exercício, eleições multipartidárias entre outros) que uma dada democracia tem de preencher para ser categorizada como DC. Só que isso não significa ausência ou superação de possíveis riscos que tentam essa consolidação, muito menos significa que essas democracias não apresentam problemas.

Em relação à segunda questão, na visão de Suleimane, para que educação sirva de consolidação da democracia ela não deve pautar-se apenas na formação da pessoa humana para inserção no mercado de trabalho. Entretanto, a educação deve se pautar na formação dos cidadãos conscientes e comprometidos com as causas nacionais e internacionais, este último porque as realidades externas de certa forma influenciam e afetam positiva ou negativamente os eventos internos. Isto é, uma educação integral do homem, pautada nos princípios da cidadania democrática, que justifica as reais necessidades da pessoa humana. Com isso, é possível criar uma massa de cidadãos com espírito de exercício da cidadania democrática que obviamente não vem apenas das academias, mas também das tradições orais.

Pomacal por sua vez, acredita que a consolidação da democracia passa necessariamente por um desenvolvimento educativo bem planejado e sucessivamente revisado e melhorado de acordo com a sua dinâmica o que não é visto na Guiné-Bissau, que ainda vive uma educação deficiente com velhos conteúdos, sem um plano educativo crítico e dinâmico, com uma metodologia desorganizada e quase individualizada. Uma educação bancária que precisa de transição para uma educação transformadora. Para Indira, enquanto essas realidades prevalecem no sistema de ensino guineense, não é possível que o país instrua recursos humanos com visão, espírito e princípios de cidadania e democrático.



# A JÓIA MAIS PRECIOSA

Jotta Fonseca

Quão grande formosa e bela és São Francisco do Conde,  
Das ruas que sobem e descem, das ilhas que o sol se  
esconde,  
Da Pedra Santa que jorra água tão abençoada,  
Que sai do seio da terra,  
Dessa Terra tão amada !

É lindo o amanhecer sentindo a brisa do mar,  
Ver o sol no entardecer parecendo incendiar  
A canoa que se esconde no horizonte a navegar.

Esperando o pescador lá na rampa do mercado,  
Pois sinhá tá esperando pra comprar o seu pescado,  
Sexta é dia de moqueca feita com dendê pilado,

A cultura desse povo dá gosto da gente ver,  
Samba chula, paparutas, reisado, maculelê . . .  
Uma rica culinária muita coisa pra comer,  
De quem herdou a receita de Maria do Benzê.

Montado em um cavalo galopando sem parar,  
Na estrada de Santo Amaro vou na Roseira apear,  
Do Porto subir a serra pra em Campinas avistar:  
A formação majestosa do Rio encontrando o Mar.

O apogeu da cana nos deixou recordação,  
A Fazenda Engenho D'Água a usina Dom João  
Do legado sacrossanto se destaca um monumento:  
A singular arquitetura da Igreja do Vencimento.

Do alto do Monte o Recôncavo em frente da igreja eu via:  
A mais bela das paisagens desse braço da baía.  
Daquele ponto elevado meu Senhor abençoou:  
A Joia mais preciosa, presente do Criador !

Uma tarde em Santo Estevão é difícil descrever,  
Mergulhar nas águas mansas, na areia branca correr,  
Contemplar o sol se pondo, fazendo tudo esquecer,  
Momentos inesquecíveis de imensurável prazer.

Natureza preservada nas ilhas que a gente tem:  
A do Paty, a das Fontes e Cajuíba também,  
Reservas de mata atlântica, fauna e flora em harmonia,  
Nessas trilhas ecológicas, quem não aventuraria ?

Quem aqui vem se apaixonou  
E não pensa em mais voltar,  
Logo se vê envolvido com a vida do lugar,  
Com o jeito simples de um povo que acolhe a quem chegar,  
E escolhe para viver não apenas pra morar.

A cada canto um encanto que marcou a nossa vida,  
Cada igreja, cada santo, cada som cada comida,  
Cada qual sabe o quanto pode ser penosa a vida,  
Mas que seja a cada dia nessa terra tão querida !



## Primeiro Mandamento

Jotta Fonseca

Seu nome muitos repetem  
na hora da aflição,  
Poucos porém reconhecem  
A sua grande missão  
E esquecem que a sua sorte  
Foi sofrer até a morte  
Para a nossa salvação.

Sua mensagem de amor  
Pra nós o maior legado,  
Foi o mandamento primeiro  
Que ao mundo foi ensinado  
E ainda assim lhe levaram  
Açoitado pro calvário  
Para ser crucificado

Mas Sua bondade infinita  
Não lhe permitiu rancor  
E em seus últimos momentos  
Clama a Deus nosso Senhor  
Que Perdoasse os algozes  
Que como lobos ferozes  
Execraram o Salvador

Não há lição mais profunda  
Como esta que conhecemos  
Mas o ódio ainda inunda  
O coração dos terrenos  
Que por tão pouco se matam,  
Se agredem, se maltratam,  
Neste mundo que vivemos.

Mas a esperança renasce  
Como na ressurreição  
Que o bem floresça e habite  
Cada humano coração,  
Pra que um dia na Terra  
Não se fale mais em Guerra,  
Em fome, em massacre, em dor,  
Unindo-se todos os povos  
Amando-nos uns aos outros  
Como JESUS nos amou.

## **Sétimo Dia**

Marina Lima

### **Primeiro dia**

Criou o nada  
A terra já era habitada  
Comércios, tensões, ancestralidade e etnias.

### **Segundo dia**

Subalternizar corpos  
Colonizar corpos.

### **Terceiro dia**

Confrontar  
Até o navio regressar oceanos  
Sem ampulhetas ou novas descobertas.

### **Quarto dia**

“Meus antepassados eram Makombe e  
Makombe quero continuar a ser”  
Assim seja!

### **Quinto dia**

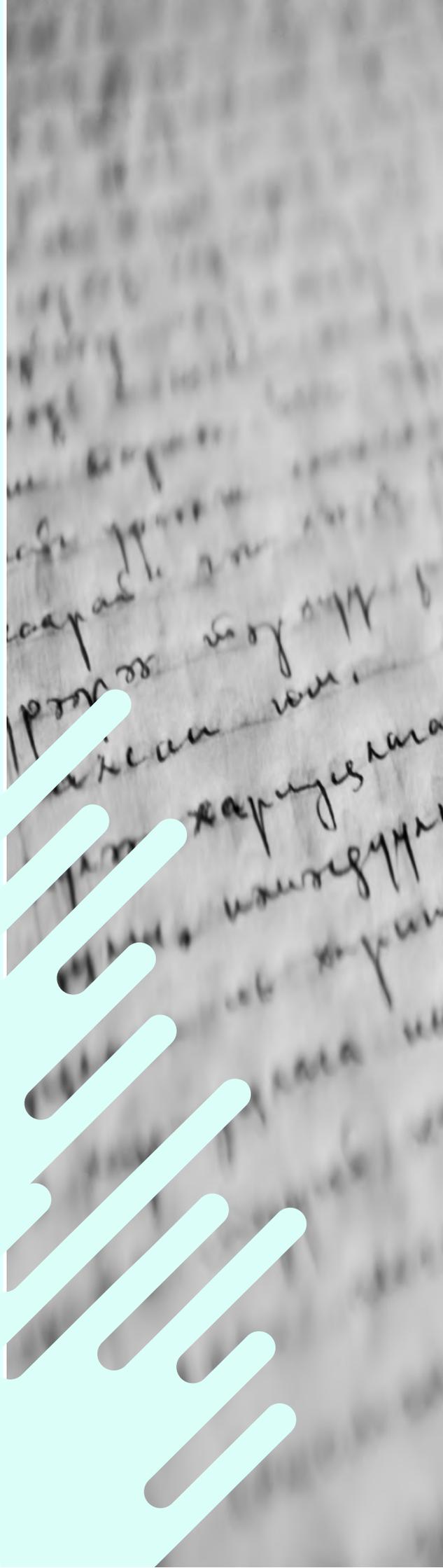
Soberania  
Contraluz de um fim de tarde sem sol.

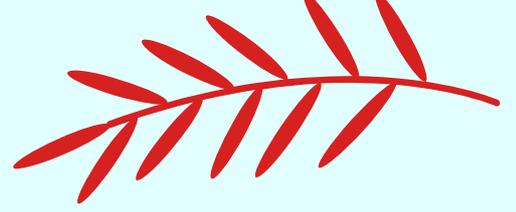
### **Sexto dia**

Não dissipar existências  
Espelhos distorcem narrativas

### **Sétimo dia**

É necessário limpar a casa  
Colocar o lixo do lado de fora  
Sacudir os tapetes  
Deixar o vento entrar em cada cômodo.





## Coisas que precisam ser ditas I

Lucca Santos

**Eu preciso falar sobre dor.  
Antes de falar sobre qualquer coisa.**

**Eu preciso falar sobre a vontade de chorar pelas madrugadas, a mágoa que esmaga meu peito. Como se um prédio inteiro estivesse sobre meu corpo.**

**Eu preciso falar sobre o essa amargura que encharca as paredes da minha estrutura, que me ataca como uma chuva de facas e me fere como uma enxurrada de pedras lançadas até mim.**

**Eu preciso sim, deixar claro, que não tá sendo fácil e que realmente não é fácil lidar com esse grande iceberg de dor, fria congelante que machuca diretamente meu peito, que destrói minha mente, confunde meus pensamentos.**

**Eu preciso urrar como alguém que levou um tiro ou uma facada, berrar essa dor que dilacera cada canto pequeno, cada traço, cada passo, ponto e vírgula, do meu pequeno e frágil ser.**

**Não existem remédios, não jeitos, táticas, estratégias, jeitos, nada! Só a dor, somente a dor.**

Nascido no dia 05 de agosto de 1996, Lucas Fortunato Santos (ou Lucca Santos) começa dar seus primeiros passos com a poesia ali por volta de 13 anos de idade. Pouco tempo depois, já a adolescência ainda escrevendo começa a se envolver com um grupo de dança na igreja e conhece mais uma vertente da arte, 3 anos depois já com 19 anos aprende um novo ofício que é a fotografia e ali se estabelece, durante um tempo trabalhando em projeto artísticos pessoais. Agora em 2021, a jornada artística ganha um novo rumo, finalmente sendo mostrada na internet, através do seu perfil no Tik Tok e Instagram, através de vídeos de músicas, poesias e alguns conteúdos de comédia.



@lucasantos\_\_



Vamos falar  
sobre...  
**INCLUSÃO?**

# REFLEXÃO SOBRE INCLUSÃO E EXCLUSÃO SOCIAL

por Lidiane Conceição

Quando falamos de inclusão, geralmente o primeiro pensamento que vem à nossa mente é a pessoa com deficiência. Mas o termo se amplia para outros grupos que também sofrem exclusão, como negros, obesos, mulheres, mulheres negras, idosos, pessoas que moram em bairro vulnerável ou zona rural, indígenas, LGBTQIA+, dentre outros grupos de seres humanos.

Você sabia que nem sempre os esportes foram ocupados por mulheres, principalmente referente ao futebol e lutas? Dificilmente eram vistas mulheres dirigindo, pilotando moto, avião e ocupando as diversas profissões e cargos.

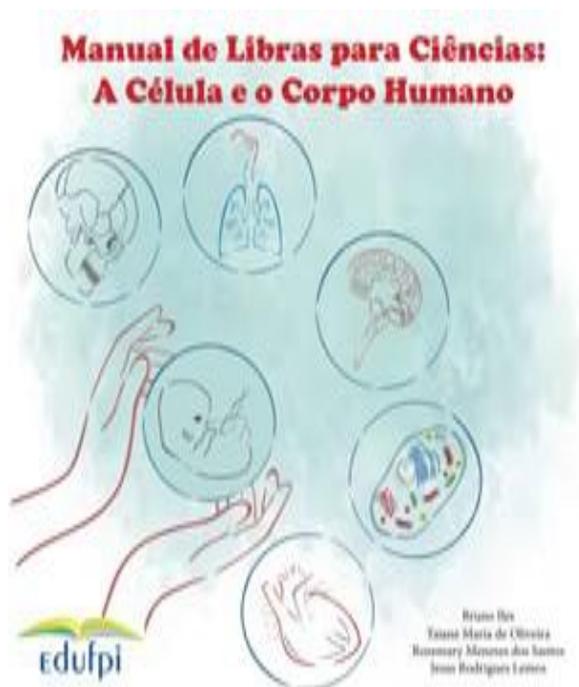
Algumas pessoas idosas vivem isoladas, mesmo em família, onde não há diálogo, lazer e não fazem mais parte das tomadas de decisões da casa. É preciso enfatizar que há toda uma caracterização de exclusão padronizada no sistema. social.

Portanto, para que todos tenham acesso com igualdade e equidade, independente de orientação sexual, religião, etnia, pessoa com deficiência ou sem deficiência, seja na saúde, educação, esporte ou lazer. O que possibilita a reduzir a exclusão social é o conhecimento dos direitos humanos, e a luta por ações governamentais, com implantação de programas e políticas públicas adequadas à diversidade dos cidadãos e cidadãs da sociedade..



# A UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI) CRIA “MANUAL DE LIBRAS PARA CIÊNCIAS

Maria Isabel Santos

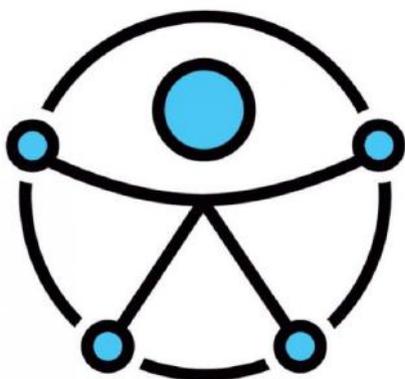


Universitários da Universidade Federal do Piauí (UFPI) criaram, em 2019, o “Manual de Libras para Ciências”, com quase 300 sinais inéditos”. O material intitulado de Manual de Libras para Ciências: A Célula e o Corpo Humano, irá beneficiar não apenas os estudantes surdos, mas também facilitará o trabalho pedagógico e a comunicação entre a comunidade surda e não surda, além de contribuir com outros profissionais como médicos, psicólogos e enfermeiros.

O projeto da construção do Manual de Libras foi construído e concretizado por estudantes do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), tendo como principais organizadores Bruno Iles, Taiane Maria de Oliveira, Rosemary Meneses dos Santos, e Jesus Rodrigues Lemos. Esta obra nasceu da inquietação e das grandes dificuldades que os profissionais de Libras têm relativamente ao repasse dos conteúdos em estudo para os estudantes surdos.

A Cartilha foi disponibilizada ao acesso público na internet gratuitamente (<https://www.ufpi.br/e-book-edufpi>) e conta com 79 páginas, divididas em onze capítulos contendo temáticas importantes para o ensino-aprendizagem das Ciências como: Célula, Tecidos, Músculos, Ossos, Sistema Circulatório, Sistema Urinário, Sistema Digestivo, Sistema Nervoso, Sistema Respiratório, Sistema Reprodutor Feminino e Sistema Reprodutor Masculino.

A cartilha apresenta sinais claros de Libras, em imagens bem expressivas, coloridas e objetivas dos conteúdos do curso de ciências biológicas. Uma obra que nasce para orientar, contribuir e melhorar a interação entre estudantes e profissionais do curso de Ciências Biológicas, bem como dos profissionais da área de saúde.





# 15 DE OUTUBRO - DIA DOS PROFESSORES E DAS PROFESSORAS

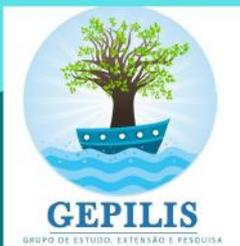
O Grupo de Estudos, Pesquisas e Extensão Interdisciplinares em Educação e Sociedade - GEPILIS - estará promovendo, no dia dos professores e das professoras, 15 de outubro, um momento de conversa sobre Educação, homenagendo a todos e todas que lutam por uma educação de qualidade nesse país.

Será um momento de beleza, com contação de histórias e muitos aprendizados e trocas, com base nas perspectivas de Paulo Freire e da decolonialidade.

Na ocasião haverá também o lançamento do primeiro livro dos pesquisadores e pesquisadores de nosso GEPILIS. Não perca esse momento lindo, agende-se e venha conversar conosco!

Siga-nos no Instagram e no Youtube para acompanhar nossas ações e... até dia 15 de outubro, às 16h00!

Um abraço gepiliano cheio de axé!



GRUPO DE ESTUDO, EXTENSÃO E PESQUISA  
INTERDISCIPLINARES EM LINGUAGEM E SOCIEDADE

CONVIDA

## GEPILIS Acontecendo

*Uma tarde para conversarmos  
sobre Educação*

Dia 15.10.2021 16h00  
Canal do GEPILIS

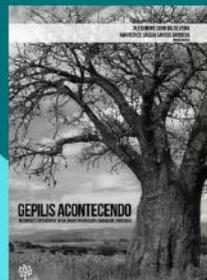


CONVIDA

## GEPILIS Acontecendo

*Contação de histórias  
Convidadxs*

*E o lançamento do 1º livro do  
Grupo GEPILIS com a presença de  
diversos autorxs!*



Dia 15.10.2021 16h00  
Canal do GEPILIS





# O Ponto



Dúvidas?  
Críticas?  
Sugestões?

Quer fazer parte de nossa equipe?

[jornaloponto@unilab.edu.br](mailto:jornaloponto@unilab.edu.br)

Siga-nos em nossas redes sociais

